

MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PARAENSES COM OCORRÊNCIA DE OLEAGINOSAS NATIVAS E POTENCIAL PARA A PRODUÇÃO DE ÓLEO VEGETAL

Adriano VENTURIERI ^{1*}, Marcus Arthur Marçal de VASCONCELOS ¹, Nathália Cristina COSTA DO NASCIMENTO ¹, Marcos Ené CHAVES OLIVEIRA ¹, Moises MOURÃO JUNIOR ¹, Luiz Ferreira de FRANÇA ².

¹ Embrapa Amazônia Oriental, Trav. Dr. Enéas Pinheiro, S/N. Marco, 66095-100 Belém, PA, Brasil. Tel: + 55 31 3204 1017, Fax: + 55 31 3276 0323, adriano@cpatu.embrapa.br, mavasc@cpatu.embrapa.br, nathalianascime@yahoo.com.br, meneov@cpatu.embrapa.br, mmourao@cpatu.embrapa.br;

² UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, FEQ/ITEC, Rua Augusto Corrêa, 01 – Guamá. CEP 66075-110. Caixa postal 479. PABX + 55 91 3201-7000. Belém – Para – Brasil 2008, franca@ufpa.br.

Palavras Chave: Amazônia, óleo, essências nativas, biocombustível, produção.

Introdução

A obtenção no campo do material oleaginoso envolve fatores que impactam essa atividade. Pesce (2009), já observava que plantas produtoras de sementes oleaginosas crescem espontâneas na Amazônia e são numerosas, além de destacar que sem dúvida alguma não se encontram variedades tão importantes e valiosas.

O processo de obtenção dos óleos da Amazônia sempre foi tido como essencialmente extrativista e pode ser entendido como a primeira forma de exploração econômica, limitando-se à coleta de produtos existentes na natureza, com baixa produtividade ou produtividade declinante, decorrentes do custo de oportunidade do trabalho próximo do zero ou do alto preço unitário devido ao monopólio extrativo, e tendendo à sua extinção com o decorrer do tempo. (HOMMA, 1993).

Da Silva (2006), observa que um sistema de informação geográfica é um instrumento eficiente para todas as áreas do conhecimento que fazem uso de mapas, possibilitando, tanto a aquisição de dados oriundos de diversas fontes e formatos diferentes, sua integração em uma única base de dados informações representando vários aspectos do estudo de uma região, a análise espacial e obter relatórios e documentos gráficos de diversos tipos, entre outros. Além disso, as técnicas utilizadas permitiram uma análise multitemporal, possibilitando a obtenção de dados sobre mudanças ocorridas num determinado lugar (como por exemplo, a mudança no uso do solo) em um determinado espaço de tempo (FLORENZANO, 2002). Sendo, portanto, muito utilizadas atualmente como importantes ferramentas para planejamento e gestão.

Com objetivo de se obter uma avaliação preliminar das principais fontes oleaginosas distribuídas no Estado do Pará, além de avaliar a influência da exploração dos recursos naturais na forma do desmatamento na região, com vista a uma possível recomposição dessas áreas com essências nativas produtoras de óleo, confeccionou-se

bases cartográficas contendo: a localização em relação à capital paraense, mapas de vegetação, tipo de solo, aptidão agrícola, desmatamento e aptidão agrícola das áreas desmatadas, além dos mapas com a ocorrência das oleaginosas de interesse.

Materiais e Métodos

Material

Área de estudo

A área mapeada foi escolhida de acordo com a maior incidência de espécies para a produção de óleo vegetal, tais como: CUPUAÇU (*Theobroma grandiflorum*, Schum); ANDIROBA (*Carapa guianensis*); BURITI (*Mauritia flexuosa*); UCUÚBA (*Virola surinamensis*); MURUMURU (*Astrocaryum murumuru*); PATAUÁ (*Oenocarpus bataua*); PRACAXI (*Pentaclethra macroloba*); DENDÊ (*Elaeis Guneensis*); BABAÇU (*Orbygnia speciosa*); INAJÁ (*Maximiliana maripa*) e TUCUMA (*Astrocaryum vulgare*).

Compreendendo, os municípios de: Abaetetuba, com as coordenadas geográficas: 01°43'54" de latitude sul e 48°52'54" longitude oeste; Breves, com coordenadas 01°40'57" latitude sul e 50°28'48" longitude oeste; Bujaru, com as coordenadas 01°30'54" latitude sul e 48°02'30" longitude oeste; Cametá, com as coordenadas 02°14'54" latitude sul e 49°30'12" longitude oeste; Portel, com coordenadas 01°55'45" latitude sul e 50°49'15" longitude oeste; Santarém, com coordenadas 02°25'30" latitude sul e 52-4°42'50" longitude oeste; Tomé-açu, com as coordenadas 02°25'00" latitude sul e 48°09'09" longitude oeste e o município de Viseu com as coordenadas 01°12'15" latitude sul e 46°08'15" longitude oeste.

Para cada município foram confeccionadas bases cartográficas contendo: a localização em relação à capital paraense, mapas de vegetação, tipo de solo,

aptidão agrícola, desmatamento e aptidão agrícola das áreas desmatadas, além de mapas sobre ocorrência das oleaginosas de interesse em diversos municípios do Estado, o que permitiu organizar um banco de dados dos municípios participantes do projeto.

Os programas utilizados na confecção dos mapas foram: Arc View 3.3, para integração dos dados em formato shapefile, tais como, limites estadual e municipais e das regiões de integração do governo estadual, sedes municipais, rodovias, localidades, aeroportos, drenagens, solos, usos, vegetação, e áreas desmatadas. Foi ainda utilizado o software Spring 4.2 para classificação das imagens de satélite e quantificação dos dados. Os dois softwares estão disponíveis no Laboratório de Sensoriamento Remoto da Embrapa Amazônia Oriental. A base de dados utilizada por estes programas foi disponibilizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), SECTAM (Secretaria Executiva de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente) e IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). As imagens utilizadas foram fornecidas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE. Foram realizadas, também, pesquisas no Laboratório de Solos da EMBRAPA Amazônia Oriental e nos Herbários das EMBRAPA e do Museu Emilio Goeldi. Também foram realizadas viagens à campo em municípios do como Bragança, Capanema, Castanhal, Moju, São João da Ponta, São João de Pirabas e Cametá com o apoio da EMATER-PA e seus departamentos regionais.

Resultados e Discussão

Nas viagens realizadas a alguns municípios do nordeste do Estado, foi perceptível a intensa ocorrência de algumas oleaginosas em áreas específicas, como são os casos do inajá e buriti nos município de Capanema, buriti no município de Tracuateua, babaçu em São João de Pirabas, buriti e inajá em Cametá, murumuru em São João da Ponta e buriti em Moju (ver anexo). Não havendo, portanto, uma área com maciços que permita uma produção em longa escala. Além disso, babaçu e o inajá têm sua ocorrência geralmente relacionada às áreas de pastagens, pois, são consideradas espécies invasoras e por isso se tornam freqüentes nos pastos onde seus proprietários não dispõem de meios para realizar sua manutenção.

Os moradores das áreas mais interioranas dos municípios avaliados possuem uma relação bem próxima com a terra e com a floresta, por isso, em alguns casos, estas pessoas já trabalham com a semente das oleaginosas na produção de artesanatos e na alimentação de seus animais de estimação, como é comum com o buriti e tucumã. Em alguns lugares, grandes empresas que trabalham na produção de cosméticos estimulam a exploração de andiroba e copaíba. Com base nos dados obtidos através dos levantamentos bibliográficos e de campo, podemos afirmar que a região amazônica possui potencial para exploração racional de oleaginosas nativas.

Na figura 01 pode-se observar o levantamento da ocorrência das oleaginosas por mesorregiões, que

demonstra que existe um potencial possível de ser explorado, mas necessitando de ações de manejo para não exaurir os maciços. Não foi possível identificar nenhuma cadeia organizada na exploração contínua das oleaginosas nas regiões avaliadas. As oleaginosas nativas podem ser uma alternativa para recomposição das áreas desmatadas em diversas regiões do Estado do Pará.

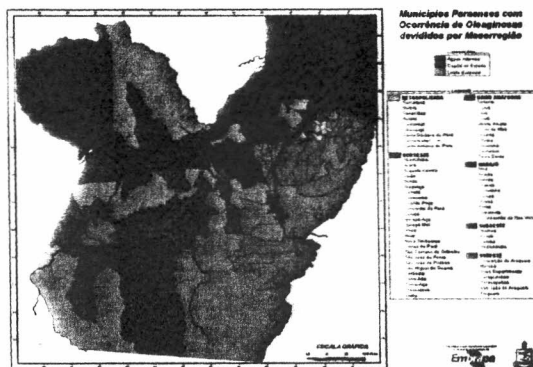


Figura 1. Mapa integrado com a ocorrência de oleaginosas divididas por mesorregiões avaliadas do Estado do Pará.

Agradecimentos

Apoio: PROJETO FINEP – FADESP – UFPA – DEQUAL- PROBIOPARÁ – Encomenda Ação Transversal 2004 – Protocolo 41;

Empresa de Assisência Técnica e Extensão do Pará – Emater – PA

Bibliografia

- ¹ BELTRÃO, N. E. de M. Agronegócio das oleaginosas no Brasil. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 26, n. 229, p.14-17, nov-dez, 2005.
- ² DA SILVA, J. M. F. Utilizando SIG como ferramenta na produção de um mapa digital. Dissertação (monografia apresentada ao Departamento de Artes e Humanidades como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.
- ³ FLORENZANO, T. G. Imagens de Satélite para Estudos Ambientais. São Paulo: Oficina de Textos, 2002.
- ⁴ HOMMA, A. K. O. Extrativismo vegetal na Amazônia: Limites e oportunidades. Brasília: Embrapa – SPI, 1993. 202 p.
- ⁵ PESCE, C. Oleaginosas da Amazônia. 2ed. rev. e atual./ Celestino Pesce: – Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. 2009. 334p.

Mapeamento e ...

2009

SP-PP-6172



CPATU- 42805-1